

MÍSSIL HIPERSÔNICO: SÍMBOLO DO NOVO PODER DA CHINA

*Por Frédéric Rosard, Conflits Revue de Géopolitique**



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Em 2025, a China revelou armas hipersônicas avançadas, impulsionadas por magneto-hidrodinâmica, redefinindo o equilíbrio militar global, acendendo uma nova corrida armamentista e marcando uma virada geopolítica.

PRINCIPAIS CONCLUSÕES

- A China revelou suas armas hipersônicas durante o desfile em 3 de setembro de 2025, simbolizando um grande avanço tecnológico e estratégico;
- Esses mísseis manobráveis e virtualmente impossíveis de interceptar estão perturbando o equilíbrio militar global e reacendendo uma corrida armamentista;
- O avanço da China, baseado na magneto-hidrodinâmica, marca uma virada geopolítica comparável à conquista do espaço no século XX.

Em 3 de setembro de 2025, o dia que a China denominou “Dia da Vitória”, Pequim realizou um desfile impressionante. Esses desfiles costumam ser cenários de poder e unidade nacional. Mas este ano, o desfile foi excepcional: armas hipersônicas de última geração foram exibidas para demonstrar que a China acabava de se juntar a um grupo muito pequeno de países com essa capacidade, anunciando uma mudança no equilíbrio de poder global.

TECNOLOGIA DISRUPTIVA

Primeiro, é preciso desmistificar o termo “hipersônico”. Mísseis balísticos intercontinentais (ICBMs) convencionais voam a velocidades hipersônicas de Mach 5 ou mais ao reentrar na atmosfera a caminho do alvo. No entanto, não é apenas sua velocidade bruta que caracteriza as novas armas hipersônicas; é também a exploração dessa velocidade. Eles são altamente manobráveis graças às novas plataformas de propulsão e orientação, que permitem que o míssil mude de curso durante o voo. Os ICBMs seguem uma trajetória curva previsível (Lei de Newton), enquanto os mísseis de cruzeiro hipersônicos podem mudar rapidamente de altitude e direção. São essas curvas e mudanças de curso que lhes permitem escapar dos sistemas antimísseis convencionais, embora a interceptação continue teoricamente possível com a tecnologia atual.

ORIGENS FRANCESAS DESCONHECIDAS

Na década de 1960, o pesquisador e astrofísico do CNRS, Jean-Pierre Petit, estava na vanguarda da pesquisa em magneto-hidrodinâmica (MHD). Sua pesquisa o levou a estudar a influência de campos magnéticos em fluidos condutores. Ao mesmo tempo, a MHD estava entrando na cultura popular. Um verdadeiro educador, Petit apresentou essa tecnologia na televisão francesa, no cultuado programa de ficção científica dos anos 1980, *Temps X*. O submarino furtivo fictício “Outubro Vermelho”, do *thriller* tecnológico de Tom Clancy de 1984, era movido a MHD. A França foi um dos primeiros países a demonstrar interesse em MHD, mas acabou abandonando-o devido à falta de financiamento e porque muitos especialistas acreditavam que a aplicação da tecnologia era impossível.

A Rússia, no entanto, continuou com essa pesquisa. A bomba veio em 1º de março de 2018, quando o presidente Vladimir Putin anunciou que a Rússia havia desenvolvido uma série de armas estratégicas avançadas movidas a tecnologias MHD. Durante um discurso, ele apresentou diversas armas, incluindo os mísseis hipersônicos Avangard e Kinzhal e os drones subaquáticos MHD movidos a energia nuclear. Esses sistemas, baseados em MHD para propulsão e controle, representam melhorias substanciais na tecnologia militar.

UMA MENSAGEM DO PASSADO

Para o desfile chinês de 2025, os sistemas hipersônicos tiveram um significado importante além do “apelo estético” (como o veículo planador DF-ZF ou o míssil antinavio YJ-21 desfilando pelas ruas da cidade). Essa demonstração serviu como um símbolo para ilustrar como a China se transformou de país imitador em produtor de armas avançadas. A mensagem era inequívoca: a China é agora uma grande potência militar. Os únicos dois países com armas hipersônicas de ponta implantadas são a Rússia, com o Avangard, e a China, com o DF-17.

A Coreia do Norte testou sistemas semelhantes, incluindo o Hwasong-8, mas seu desempenho permanece desconhecido. Os Estados Unidos, surpreendidos pelo valor estratégico da arma hipersônica, estão agora tentando alcançar potências nucleares concorrentes e estão tomando medidas para isso com a AGM-183A ARRW (Arma de Resposta Rápida Lançada pelo Ar). Apesar do progresso, ainda existem desafios

técnicos, demonstrando como o controle do voo hipersônico continua sendo uma questão complexa.

DESEQUILÍBRIO ESTRATÉGICO IMINENTE

O desequilíbrio estratégico iminente está se tornando mais visível com essa crescente lacuna tecnológica, forçando os países ocidentais a reavaliarem sua postura de defesa. E essa é a tendência que está dando a Moscou e Pequim uma vantagem temporária, mas substancial, na nova ordem mundial emergente. É evidente que as defesas antimísseis estão em risco. Essa competição por armas hipersônicas é, em menor escala, um eco da corrida para desenvolver ICBMs durante a Guerra Fria. Mas os mísseis hipersônicos apresentam uma grande diferença: há pouca proteção contra eles nas defesas antimísseis existentes que hoje moldam as estratégias militares dos EUA e seus aliados.

O míssil antinavio supersônico YJ-21 da China, por sua vez, pode mudar fundamentalmente o cálculo dos engajamentos navais dentro e além do Mar da China Meridional. Disparado de terra, mar ou ar, ele pode atingir porta-aviões americanos (o coração da projeção de poder dos EUA) e dar à China uma capacidade destrutiva confiável. Estrategicamente, as armas hipersônicas combinam velocidade e capacidade de sobrevivência para penetrar as defesas antimísseis, interrompendo os cálculos de dissuasão. Como a história demonstrou, tal ação poderia incitar uma nova corrida armamentista e um novo ciclo de escalada.

RUMO A UMA NOVA ORDEM ESTRATÉGICA

A magneto-hidrodinâmica é mais do que um salto tecnológico; reflete uma revolução nas relações de poder militar e econômico. Assim como na corrida espacial há meio século, a MHD é agora um símbolo de *status* de poder geopolítico. Estados Unidos, China e Rússia estão investindo pesadamente nessa corrida tecnológica, à medida em que ela se torna uma competição com apostas potencialmente perigosas. Há mais do que apenas apostas materiais (emoções à parte). A MHD revolucionará a guerra submarina com submarinos e torpedos silenciosos e de alta velocidade, em uma campanha para dominar (por exemplo) importantes pontos de estrangulamento marítimo, como o Estreito de Malaca e o Canal de Suez.

Também amplifica a competição geoeconômica: esses sistemas dependem de elementos de terras raras e supercondutores — *commodities* dominadas pela China, que está ganhando poder semelhante ao do país produtor de petróleo do século passado.

IMPLICAÇÕES GLOBAIS

A proliferação da tecnologia hipersônica está tornando a competição entre grandes potências ainda mais rápida. Os Estados Unidos estão investindo somas consideráveis no desenvolvimento de novas defesas, incluindo *lasers* e interceptadores hipersônicos. No Indo-Pacífico, aliados e parceiros como Japão, Austrália, Índia e Coreia do Sul estão aprofundando suas relações de segurança com Washington por meio de acordos como o AUKUS ou o Diálogo Quadrilateral de Segurança, conhecido como Quad.

Com esse avanço, a China ultrapassaria até mesmo a Rússia (que tinha uma vantagem inicial) e ajustaria discretamente sua cooperação estratégica com o vizinho. Além disso, a falta de regulamentações internacionais sobre armas hipersônicas aumenta ainda mais a incerteza em um ambiente global já complexo.

CONCLUSÃO

O desfile de 3 de setembro de 2025 será lembrado como o dia em que a China se juntou à elite das potências hipersônicas; para todos aqueles que “*não conseguem/não querem entender*” ou ler nas entrelinhas e continuam ignorantes e com a cabeça enterrada na areia, não foi simplesmente uma demonstração de força militar, mas também um marco geopolítico. Os mísseis hipersônicos são muito mais do que um novo tipo de dispositivo letal: eles representam um mundo onde a tecnologia deu origem a um novo domínio militar.

É uma corrida, e Pequim acaba de dar o tiro de largada. O míssil hipersônico emergiu repentinamente como o totem do poder estratégico e a fronteira final onde as nações competem pelo domínio.

Publicado na [Conflits Revue de Géopolitique](#).

****Conflits Revue de Géopolitique** faz parte da escola francesa de geopolítica realista. Reúne colaboradores de diversas áreas: acadêmicos, militares, líderes empresariais, jornalistas, diplomatas e outros, tanto franceses quanto estrangeiros. Publica seis edições por ano, além de edições especiais. Além das revistas e do site, possui um canal de vídeos no YouTube e um canal de podcast.*
